



JOSÉ FERNANDES DOS SANTOS PEREIRA

Lith. de J. Alves Loite.

REVISTA

DO

PARTHENON LITTERARIO

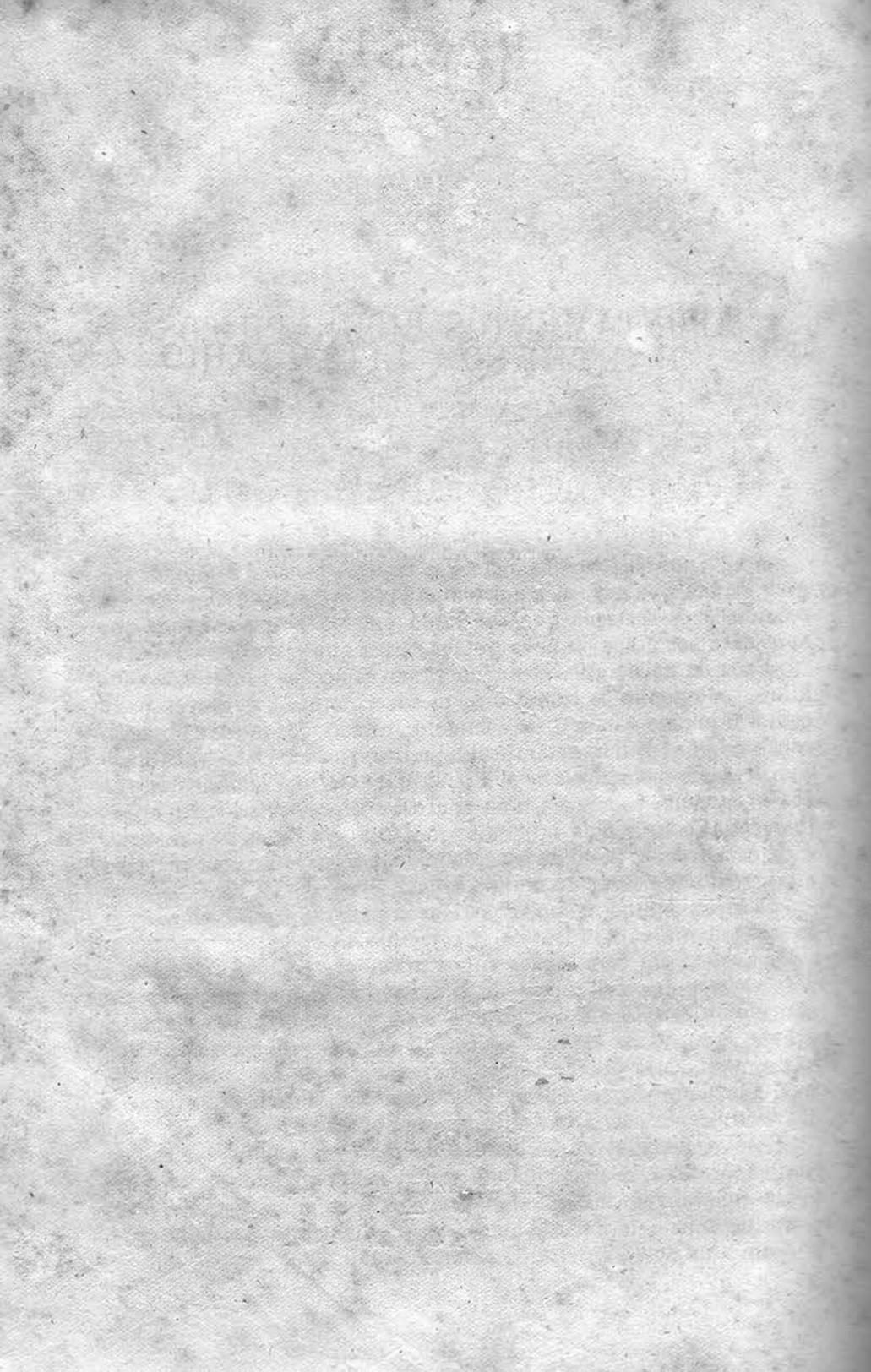
TERCEIRO ANNO

DEZEMBRO

PORTO ALEGRE

IMPRESA LITTERARIA

1874



APONTAMENTOS BIOGRAPHICOS

O GENERAL JOSÉ FERNANDES DOS SANTOS PEREIRA

A vida dos cidadãos benemeritos de uma nação é a melhor pagina de sua historia. É a um tempo a voz da gratidão com que ella reconhece os serviços que lhe forão prestados, e o exemplo que apresenta aos olhos da nova geração para que procure imital-o.

Feliz da nação que, commemorando as acções illustres de seus filhos, não tenha de cobrir o rosto envergonhada de haver pago com a injustiça e com o esquecimento os serviços feitos com dedicação e amor! É felizes tambem aquelles que havendo trabalhado com lealdade pela gloria de seu paiz, doando-lhe a melhor parte de sua existencia, podem em uma honrosa velhice, com o justo orgulho de uma consciencia satisfeita, recoller-se á tenda do descanso, e rodeados do respeito de seus concidadãos, esperar com placidez o momento de passar do mundo á posteridade!

Desejamos esboçar em toscos traços a carreira pura e bem preenchida de um varão respeitavel por muitos titulos; de um ancião que havendo em bem verdes annos trocado os brincos da infancia pela espada dos defensores de sua patria, dedicou a esta com o maior desinteresse o seu sangue e meio seculo de sua existencia; e hoje, coroado de venerandas cans e adornado de gloriosas cicatrizes, vive qual outro Cincinnato, entregue ás doçuras campestres, apresentando em seu modesto recolhimento, um bello modelo das virtudes do patriarcha e do philosopho christão.

Esse respeitavel varão, credor do mais profundo respeito dos contemporaneos, assim como da veneração dos vindouros, é o tenente-general reformado José Fernandes dos Santos Pereira, residente na cidade de Porto Alegre, em uma encantadora habitação na Caminho Novo, á beira do formoso Guahyba.

Nasceu José Fernandes dos Santos em 19 de Março de 1793, na freguezia de Santa Maria do Covello, 2 1/2 léguas da cidade do Porto.

Comquanto tivesse nascido nesse ponto do velho mundo é elle brasileiro e brasileiro benemerito.

Na época de seu nascimento Portugal e Brazil erão fracções de uma só nação; e não obstante o acto feliz de nossa separação em 1822, a nossa historia e as nossas tradições de familia prendem-se de tal sorte á nação portugueza; ha entre os dous povos tantos e tão intimos laços de indole, de costumes, de linguagem, de amizade e de sangue, que o Oceano com sua imponente vastidão é ainda insignificante para formar a linha divisoria entre um e outro povo.

O brasileiro continúa a ser o portuguez americano, assim como o filho de Portugal será sempre o nosso proximo parente, que de coração se associa aos nossos sentimentos, affligindo-se com as nossas dores, e celebrando com enthusiasmo a nossa prosperidade e o nosso triumpho.

O simples facto do nascimento não basta para determinar a nacionalidade do individuo. Gouchy e Bazaine atraiçoando a causa da patria em Waterloo e em Metz, são menos francezes do que Berwick, Saxe e Louwendall inscrevendo nos fastos da França as gloriosas paginas de *Almanza*, *Fontenoy* e *Berg-op-zoom*.

Lagrange, Chénier, Rousseau, Cassini e De Candolle são apontados com orgulho no Pantheon francez, apesar de não haverem nascido na França; e mesmo entre nós Anchieta, Vieira, Gonzaga, Andréa, José Clemente, Manoel Jorge, Euzebio de Queiroz, o bispo D. José Cactano e tantos outros não figurão como filhos illustres de nossa patria?

Por sua parte, não levantarão os portuguezes uma estatua ao fluminense Salvador Benevides? não vão elevar outra á sua saudosa rainha D. Maria II? não honrão como a seus filhos benemeritos o diplomata Alexandre de Gusmão, o general Mathias de Albuquerque, vencedor de *Montijo*, o sabio bispo conde de Arganil, o prégadoi Antonio de Sá, os generaes Luiz Barbalho, Luiz Pinto da França e tantos outros nascidos no Brazil?

Assim pois, José Fernandes dos Santos é brasileiro; e seu nome deve ser inscripto entre o dos brasileiros os mais illustres.

Seu pai foi o major Domingos Fernandes dos Santos, o qual pertencendo a um regimento de infantaria portugueza, fez parte da força que em 1776 sob as ordens do general Bohm resgatou a

nossa fronteira do sul, occupada pelos hespanhóes desde a invasão de D. Pedro Cevallos. Voltando ao Rio de Janciro esse regimento foi a Minas-Geraes e regressando a Portugal expedicionou com o general Forbes para o Roussillon e fez essa campanha impolitica que tão amargos fructos devia produzir no fim de 14 annos.

Foi durante esta expedição que nasceu José Fernandes, que com sua mãe e duas irmãs ficarão habitando em uma quinta de seu pai, no lugar de Levanhas; e ahí se conservarão até 1798, época em que chegou ao Porto seu pai com o regimento a que pertencia.

Acabava apenas o joven Fernandes de estudar as primeiras letras e cursava a aula de latim, quando os terriveis successos de 1807 vierão interromper seus trabalhos escolares. Começara para Portugal a longa serie de desastres, consequencia da politica subserviente dos ministros de D. Maria I e do principe regente.

A historia dessa triste época, mostra-nos dous quadros bem diversos entre si. Em um delles vê-se uma successão de governos ineptos e fracos, que esquecidos das tradições, ainda recentes, do grande marquez de Pombal, amontoão erros sobre erros, e quando reconhecem que conduzirão o paiz á borda de um abysmo, desertão cobardemente dos postos que indignamente occupavão. O outro quadro, felizmente, é uma antithese deste; elle mostra-nos o heroismo de um povo que, abandonado pelos seus chefes, desarmado, ludibriado, despojado de todos os recursos, resolve firmemente recobrar a sua autonomia; e abalançando-se a lutar contra o poder collossal de Napoleão, torna-se a origem do derrocamento desse mesmo poder que até então humilhára impunemente a Europa inteira!

Junot á testa de 26 mil francezes, e auxiliado por trez exercitos hespanhóes, invade Portugal, occupa a sua capital, avassala suas fracas autoridades, dá nova organização ao governo, affasta a tropa regular do paiz, põe em acção as mais rigorosas leis, e finalmente faz arriar a velha e gloriosa bandeira das Cinco Chagas, substituindo-a pela tricolor.

Era demais para esse nobre povo que sempre fôra fiel á integridade de sua patria e ás tradições conquistadas com o sangue de seus avós!

Em Junho de 1808 ouve-se o grito desesperado da revolta, grito que com pasmosa rapidez repercute por todos os valles e quebradas do reino. A cidade do Porto coube a honra de dar o primeiro golpe no inimigo; a 6 de Junho é preso o governador general Quemel e proclamada a restauração da casa de Bragança; a 19 organisa-se a junta provisoria do governo; o povo acode ás armas em massa; o feroz general Leison que vinha contra o cidade é rechaçado pelos camponezes armados; em menos de duas se-

manas a insurreição estende-se ameaçadora de Melgaço a Faro, isto é de um a outro extremo de Portugal; e Junot vê-se forçado a concentrar-se em torno de Lisboa.

« Quando rebentou a insurreição (diz o distincto escriptor Pinheiro Chagas) o principe D. João recebeu com pasmo a noticia. « elle que não julgava sequer possível, o sonho da resistencia. E « entretanto, o povo quando inerme e abandonado soltou o grito « héroico do pronunciamento, proclamou de envolta com a independencia da patria, a realza do principe D. João! »

A exaltação do patriotismo era geral e ardente; e o menino Fernandes, digno filho de um bravo, sentindo seu terno coração pulsar de enthusiasmo, assenta praça no regimento de seu pai, que recebera ordem de marchar contra a capital. Esse regimento que era o 2º de infantaria do Porto, passou a ter o numero de 18 pela organização dada ao exercito em Setembro desse anno.

A Inglaterra, por cuja causa fôra Portugal sacrificado, acudiu em seu auxilio, ou antes em auxilio de seus proprios interesses. A 1 de Agosto começou junto á foz do Mondego o desembarque das tropas do general Sir Arthur Wellerley, e a 17 o joven Fernandes recebia o baptismo de fogo no lugar da *Rolicea*, 9 leguas ao norte de Lisboa, onde apesar de toda a bravura e habilidade do general Laborde, os francezes são expellidos de suas formidaveis posições.

Quatro dias depois feria-se a batalha do *Vimeiro*, bello feito d'armas em que Junot, depois de perder 1800 homens, effectua a retirada para a capital e no dia 30 assigna a famosa capitulação de Cintra, pela qual se obriga a sahir do reino com os restos do exercito invasor.

Voltando o regimento ao Porto foi José Fernandes transferido para a Leal Legião Lusitana que fôra organizada em Londres com emigrados portuguezes, sob o commando de Sir Roberto Wilson, e tinha essa denominação para distinguil-a da Legião Portugueza que sob as ordens do marquez de Alorna combatia na Allemanha ao lado do exercito de Napoleão.

No principio de 1809 emquanto Sir Roberto óperava na fronteira da Beira, o 2º batalhão de infantaria da Legião de que era chefe o coronel barão de Eben e ao qual pertencia Fernandes, marchou para a fronteira da Galliza, e d'ahi veio hostilizando o exercito do marechal Soult que invadia novamente Portugal depois de vencer os inglezes na Corunha.

Em 20 de Março o batalhão combateu valorosamente em Carvalho d'Este, junto a Braga; mas mal coadjuvado pelos paisanos armados que debandarão, concentra-se na cidade do Porto, onde no dia 24 apresentou-se tambem Soult com o seu exercito. Não obstante o máo serviço prestado pelo povo, completamente indis-

ciplinado, foi sómente no fim de cinco dias de combate que o general francez pôde apoderar-se da cidade, fazendo a sua entrada no meio da horrorosa mortandade causada tanto pelas cargas da cavallaria, como pelo desabamento da ponte do Douro, atopotada de gente que fugia espavorida.

Vendo dispersa totalmente a força regular, o moço Fernandes toma a deliberação de ir apresentar-se ao brigadeiro Silveira que com um punhado de valentes hostilisava fortemente os francezes, cortando-lhe as communições com a Hespanha. Esse bravo general sabendo que vinha contra elle a divisão de Laborde, fortifica-se em Amarante e ali effectua a heroica defesa de 17 de Abril a 2 de Maio, que constituiu um dos episodios mais brilhantes dessa guerra, e que lhe valeu o posto de marechal de campo e o titulo de conde de Amarante.

A principio contra a divisão de Laborde e depois contra quasi todo o exercito francez, empenhou-se uma serie de combates sanguinolentos, em que rivalisava a furia de parte a parte; nelles tornou-se saliente a figura sympathica de um menino de 16 annos que se batia com a impavidez de um veterano, até que recebeu uma bayonetada quando disputava braço a braço a passagem da ponte.

Esse menino era José Fernandes, a quem o general Silveira enviou para Lamego afim de tratar-se do seu ferimento.

Emquanto isto se passava Sir Arthur Wellerley havia recebido reforços da Inglaterra e sciente da relaxação que reinava entre as tropas francezas, dirige-se para o Porto, opera a bella passagem do Douro diante do marechal Sault e o fórça a sahir de Portugal effectuando por esta occasião a admiravel retirada que mereceu os elogios até do proprio Wellerley.

Este general tendo perseguido o seu adversario até as raías da Galliza, volta a Abrantes, entra na Hespanha, e reunindo-se ao exercito do general Cuesta vai offerecer batalha em 27 de Julho a dous exercitos francezes em *Talavera de la Reina* sob o commando do rei José Bonaparte. Renhidissima foi a peleja durante os dias 27, 28 e 29 e a perda do inimigo seria completa se parte do exercito hespanhol não tivesse fugido vergonhosamente logo no principio da acção. O exercito anglo-luso fica senhor do campo, mas retira-se pouco depois para Merida e dahi recolhe-se para Portugal, com reccio de ser cortado pelo novo exercito invasor cuja marcha se annunciava.

Para fazer-se ideia do encarniçamento com que se combateu em Talavera, bastará dizer que o exercito alliado teve 6 generacs fóra de combate, alguns batalhões ficarão reduzidos a uma dezena de praças, e a Legião Lusitana (á que já se reunira o joven Fernandes) sustentou com galhardia o nome de valente que adquirira.

Ao passo que Sir Willerley (agora Lord Wellington, Visconde de Talavera) entra em Portugal e faz construir as linhas de reductos de Torres Vedras, a Legião Lusitana conserva-se na Hespanha interceptando as communicações entre os corpos de exercito francezes; e o moço José Fernandes tem occasião de arrostar com o inimigo nas acções de *Puerto de Bãnos* a 12 de Agosto contra o corpo do general Ney; de *Miranda de Castenar* a 19 do dito mez; e de *Ciudad-Rodrigo* a 18 de Outubro, na qual se retirão as tropas do general francez Marchand depois de rechaçadas por trez vezes com grande perda.

Por esse tempo um terceiro exercito invasor de 65 mil homens, aguerridos e habilmente commandados pelo marechal Massena, penetra em Portugal, toma a praça de Almeida e segue em perseguição de Lord Wellington. Este concentra suas forças, retira em boa ordem e ao passo que cobre os seus depositos de Coimbra, attraheo inimigo para os desfiladeiros da serra do *Bussaco*, e ahi no memoravel dia 27 de Setembro de 1818 inflinge-lhe uma perda de 5,000 homens. Massena consegue evitar um desastre completo; descobre um atalho pelo qual se salva com o seu exercito, avança sobre a capital, mas vai esbarrar diante das famosas linhas de *Torres-Vedras*, cuja existencia ignorava. Nessa posição fica immovel desde Outubro até Março seguinte (1811), época em que desanimando de receber os reforços que o general Foy fôra requisitar de Napoleão, resolve-se a executar a retirada que tão desastrosa foi para as suas tropas, como para as infelizes povoações por onde passava.

O exercito anglo-luso que se mantivera vigilante nas linhas e se reorganisara durante a inacção de Massena, assim que vê este abandonar suas posições, põe-se tambem em marcha, persegue-o sem dar-lhe treguas, suscita-lhe toda sorte de embaraços, causa-lhe graves prejuizos e quando o lança na fronteira, vai si-tiar Almeida occupada pelo general Brénier. Massena recebendo então os promettidos reforços com o marechal Bessiéres, tenta retomar a offensiva e soccorrer Almeida, apresenta batalha a Lord Wellington em *Tuentes d'Unor* e ahi depois de combater desesperadamente nos dias 2, 3 e 4 de Maio é vencido e obrigado a repassar o Agueda, deixando Portugal livre de uma vez de seus invasores, mas reduzido á mais dolorosa extremidade.

O joven José Fernandes que, com a nova organização do exercito passára como 1º cadete para o 8º batalhão de caçadores, commandado pelo bravo major Dudley Hill, assistiu a estas operações, recebendo em *Tuentes d'Unor* um outro ferimento de bala na perna esquerda.

O resto do anno de 1811 foi consumido em manobras offensivas em torno das praças fortes de *Ciudad-Rodrigo* e *Badajoz*, brio-

samente defendidas pelos generaes Barrié e Philippon. O anno seguinte, porem, foi iniciado com os dous brilhantes feitos da tomada por assalto dessas duas praças, que constituirão dous profundos golpes atirados ao dominio dos francezes na Península.

Aproveitando-se dos movimentos de concentração dos exercitos francezes em torno de Madrid, executados por ordem de Napoleão que partia para a Russia, lord Wellington accomette *Ciudad-Rodrigo* e consegue tomal-a dez dias depois, com grande gloria para o general Pack e para a brigada portugueza do seu commando, porque devendo fazer um ataque simulado por um porto, com tal impeto e galhardia se houverão, que penetrarão na praça em seguimento dos inimigos que guarnecião as obras exteriores, e decidirão assim a sua conquista.

O outro feito foi ainda mais brilhante. Investida a praça de *Badajoz* a 16 de Março, foi tomada a 7 de Abril no fim de uma serie de mortiferos combates, nos quaes se desenvolveu de ambos os lados inexcedivel valor; até que a entrada dos sitiantes pelas brechas, atravez de um fogo infernal, obrigou o valente Philippon a capitular com seus 5000 soldados, ganhando com esta admiravel defesa um nome immortal para a praça de Badajoz.

No terrivel assalto que começou na noite de 6 e terminou com a rendição na tarde de 7, lord Wellington mandára o 8º de caçadores dar um ataque falso sobre o forte das *Pardalleiras*, o que foi executado com summa pericia, concorrendo grandemente para o bom exito do ataque principal, por haver inutilisado parte da guarnição; sendo depois esse batalhão um dos que mais se distinguirão no assalto ás brechas. A perda deste batalhão foi enorme; uma de suas companhias, conhecida pela *companhia do fogo*, perdeu o capitão Brainig, o tenente Cardoso e o alferes Gaspar Pinto, ficando reduzida a um cadete e quatro soldados. O cadete era o intrepido José Fernandes, que foi logo elevado a alferes por distincção, e publicada a sua promoção a 2 de Maio.

Todos sabem que lord Wellington não prodigalisava elogios; entretanto na sua parte official sobre o assalto de Badajoz, encontram-se as seguintes linhas:

« Devo mencionar na 3ª divisão o major Hill do 8º do caçadores que dirigiu o falso ataque contra o forte das *Pardalleiras*; é impossível que soldados alguns se pudessem comportar melhor do que os desse batalhão. »

E o marechal Bererford, talvez ainda mais severo, dizia assim no seu officio ao ministro D. Miguel Pereira Forjas:

« Não posso deixar de notar com particularidade a valorosa conducta do major Hill e dos caçadores n. 8 do seu commando. Devo certificar a V. Ex. que, conforme a situação em que cada

« um se achava, todos, officiaes e soldados, são merecedores de « elogios. »

Conquistada a praça de Badajoz, Wellington volta a Portugal e á frente de um excellente exercito de 50,000 homens das trez nações alliadas, penetra na Hespanha, faz capitular Salamanca ; e sabendo que Marmont vinha sobre elle para obrigar-o a repassar a fronteira, retira-se prudentemente evitando aceitar combate onde lhe offerecia o marechal francez ; até que, sendo a sua retaguarda atacada no lugar de *los Arapiles*, perto de Salamauca, e achando esse sitio favoravel, trava ali a celebre batalha de 22 de Julho ; batalha tão encarniçada que successivamente são postos fóra de combate trez generaes em chefe francezes (Marmont, Bonnet e Clausel) e termina com a total derrota do inimigo, que retira-se acceleradamente na direcção de Burgos.

Esta victoria foi julgada tão importante que lord Wellington recebeu da regencia de Hespanha o collar do Tosão de Ouro ; de Portugal uma Grã-cruz ; e da Inglaterra a permissão de juntar ao seu escudo as cruces de S. Jorge, S. André e S. Patricio.

Resolvido a aproveitar-se da desmoralisação dos francezes, o exercito alliado segue-lhe as pisadas ; em 11 de Agosto causa-lhe prejuizos em *Maja-la-onda*, e a 19 do mez seguinte vai pôr sitio ao castello de *Burgos*, onde o general Dubreton resiste heroicamente até 19 de Outubro, dia em que lord Wellington levantando o sitio, seguiu para o lado do Douro, em consequencia de saber que o general Clausel tendo feito junção com Caffarelli marchava á frente de 70,000 homens em direcção ao Tejo.

Durante esta retirada e quando o exercito anglo-luso effectuava a 25 de Outubro a passagem do rio *Carrion*, junto a Palencia, foi alcançado e atacado por Clausel, que apesar de todas as suas vantagens não logrou impedir a operação. Ao bravo 8º batalhão de caçadores, já muito desfalcado pelas acções precedentes, coube nesse dia o glorioso papel de sustentar o combate, a pé firme, contra o exercito francez, enquanto as tropas alliadas passavam a ponte de Duênas ; o que elle cumpriu com a costumada galhardia, perdendo ahi dez officiaes e 167 soldados, contando-se entre os primeiros o distincto commandante Dudley Hill e o valente alferes Fernandes que pela gravidade de trez ferimentos que recebeu foi abandonado por morto no campo da batalha.

A' noite foi o lugar do combate occupado pela divisão inimiga do general Foy (que se tornou depois tão notavel como orador e escriptor militar) o qual fazendo no dia seguinte enterrar os cadaveres, mandou recolher ao hospital de sangue o corpo do alferes Fernandes que dava alguns signaes de vida.

Dous mezes e meio durou o seu penoso tratamento ; e ainda não restabelecido foi esse official transferido para a cadeia civil de

Burgos, onde com outros prisioneiros ficou á espera que seguisse para a França algum comboy bastante numeroso e forte para oppôr-se ás guerrilhas do famoso Espoz e Mina, que muito incomodavão os francezes.

Organizado o comboy, Fernandes com outros companheiros foram conduzidos para o norte da França, entrando por S. João da Luz, e passando por Bayona, Tarbes, Auxene, Nancy onde estava então preso o celebre general Palafox defensor de Saragoça, Sedan e Guise. Nesta cidade conservarão-os alguns mezes até que em 1813 estando essa fronteira ameaçada de uma invasão pelas potencias do norte, Napoleão ordenou que os prisioneiros seguissem para o sul e fossem confinados em uma povoação dos Alpes.

Cerca de um anno passarão nesse desterro, até que em Maio de 1814 pelo tratado de paz geral foi-lhes concedida a liberdade de regressarem á patria, o que fizeram seguindo dos Alpes para Toulon, Marseille, Perpignan, vencendo os Pyreneos, passando por Figuera, Barcelona e Tarragona donde embarcarão para Gibraltar.

Deste ponto o alféres Fernandes tomou passagem em um navio até Faro, na costa do Algarve, seguiu por terra para Lisboa, onde a 14 de Agosto apresentou-se ao membro da regencia D. Miguel Pereira Forjas. Recebendo ordem de reunir-se ao seu batalhão, seguiu para Trancoso, onde foi acolhido com a maior alegria pela officialidade e soldados, e especialmente pelo bravo coronel Hill que muito o estimava e julgara o perdido para sempre.

Bemvindo lhe foi então o repouso! Mais de seis longos annos havião decorrido depois que deixara seus lares; e desse tempo, quasi dous annos jazera prisioneiro em terra inimiga, sem lhe ser dada a consolação de receber noticias da sua patria, da sua casa e dos seus.

Continúa.

APONTAMENTOS

HISTORICOS, TOPOGRAPHICOS E DESCRIPTIVOS DA CIDADE DO RIO GRANDE

DESDE O SEU DESCOBRIMENTO E FUNDAÇÃO ATÉ A PRESENTE DATA

POR

CARLOS EUGENIO FONTANA

XII

É na cidade do Rio Grande que existe a primeira alfandega da provincia.

Em virtude de reclamação feita pelo governador José Marcelino de Figueiredo, foi creada por carta regia de 15 de Julho de 1804, sendo só installada em virtude do aviso de 1º de Outubro do mesmo anno.

O seu pessoal compõe-se de : um inspector, dois chefes de secções, tres primeiros escripturarios, cinco segundos, cinco terceiros, quatro praticantes, um thesoureiro, um guarda-mór e dois ajudantes, seis primeiros conferentes, quatro segundos, dez officiaes de descarga, um porteiro, um continuo, um correio, um administrador das capatazias, um ajudante, quatro fiéis, um commandante dos guardas, um sargento, um furriel, quatro cabos, vinte quatro guardas e seis vigias.

O actual inspector é o Sr. Camillo José de Carvalho.

Pela lei provincial n. 59 de 2 de Junho de 1846 foi creada

uma mesa de rendas provinciaes ficando a seu cargo a arrecadação dos impostos da provincia que até então crão arrecadados pela alfandega, sendo novamente reorganizada em 1859 pelo regulamento n. 52 de 17 de Fevereiro d'esse anno, sendo a unica de 1.^a classe da provincia.

O pessoal da mesa compõem-se de um administrador-thesoureiro, um escrivão, dois primeiros officiaes (servindo um de guardamór) tres segundos, dezeseis guardas e um porteiro e continuo.

E' o actual administrador o Sr. Desiderio Antonio de Oliveira.

Por imperial decreto n. 447, de 19 de Maio de 1846, foi creada a capitania do porto d'esta provincia, cuja séde é no Rio Grande, sendo o primeiro capitão do porto nomeado o Sr. capitão-tenente Francisco José de Mello e actualmente exerce esse cargo o Sr. capitão de fragata Rodrigo Antonio de Lamare.

Esta repartição funciona em predio do governo sito no lugar denominado Macega.

A instrucção publica é dada por quatro escolas, duas do 'sexo masculino e duas do femenino, aquellas creadas pela resolução de 14 de Janeiro de 1820 e lei provincial n. 44 de 12 de Maio de 1846, e estas pelas leis, geral de 25 de Outubro de 1831 e provincial n. 44 de 12 de Maio de 1846.

As do sexo masculino são dirigidas pelos professores: primeira cadeira Sr. Ildefonso Ferreira Cardoso, segunda cadeira Sr. Joaquim Ribeiro Louzada, e as do sexo feminino pelas professoras D. Maria Joaquina Duval, a primeira cadeira, e D. Balbina Maria Vieira a segunda.

As do sexo masculino são frequentadas por 191 alumnos, e as do sexo feminino por 162 alumnas.

Conta mais a cidade com os seguintes estabelecimentos de instrucção particular; do sexo masculino: collegio S. Pedro dirigido pelo Sr. José Vicente Thibaut; collegio União, dirigido pelo Sr. José Morena; collegio de Alvim Junior, dirigido por Candido Alvim Junior; collegio Lobo, dirigido pelo Sr. Rodrigo da Costa Almeida Lobo.

Do sexo feminino:

Collegio Santa Thereza, dirigido por D. Paulina Thibaut; collegio Minerva, dirigido por D. Ignez de Oliveira Soares; collegio Esperança, dirigido por D. Adelaide Gonzaga Alvim e os collegios de D. Izabel Tallone, D. Camilla A. Calcagno e D. Jacinthia de Freitas Damasceno e diversas classes de ambos os sexos.

A cidade conta dose professores de piano, tres de desenho e nove de linguas e sciencias.

Possue a cidade do Rio Grande um gabinete de leitura particular, que foi fundado em 1846 e conta 7,000 volumes, sendo o seu movimento annual de 9,000 volumes.

Devido aos incansaveis esforços do Sr. commendador Miguel Tito de Sá conta a cidade um asylo para as orphãs desvalidas, sob a denominação de *Asylo da Coração de Maria*, e ainda pela dedicação do mesmo senhor, tem este estabelecimento colhido proficuos resultados e prestado innumeraveis beneficios dando abrigo a muitas infelizes sem pai nem mãe, e mais tarde tornando-as pela educação e moral exemplos da sociedade.

Este estabelecimento foi fundado em 1860.

Sua receita do primeiro anno, contada de 25 de Agosto de 1862 a 31 de Agosto de 1863, foi de 14:285\$514 réis, sendo a despeza de 12:371\$891 réis incluindo n'esta a compra da casa, onde funciona o mesmo asylo pela quantia de 7:641\$000.

Com a affluencia de meninas desvalidas foi necessario augmentar-se a casa com um contrafeito para fazer dormitórios apropriados ao numero de 26 asyladas que actualmente tem, importando esta obra em 6:000\$000.

Desde sua installação até hoje tem sido presidente o seu fundador, commendador Miguel Tito de Sá.

A cidade tem unicamente uma freguezia e mais quatro igrejas.

A freguezia foi creada por provisão de 6 de Agosto de 1737.

A igreja matriz é antiga e pouco cuidada.

A sua pedra fundamental foi collocada a 25 de Agosto de 1754, no reinado de D. José e governo do general Gomes Freire de Andrade.

E' vigario collado o padre José Maria Damazio de Mattos.

Na matriz estão erectas as irmandades: do Santissimo Sacramento.

(Pelos livros d'esta irmandade, se depreheende que foi ella creada em 13 de Dezembro de 1779. O seu ultimo compromisso é approvado, quanto á parte religiosa, pelo fallecido vigario capitular Juliano de Faria Lobato em 6 de Junho de 1860, e pela parte civil pela lei provincial n. 487 de 3 de Janeiro de 1862.

Irmandade de São Pedro, igualmente fundada com a do Santissimo Sacramento.

A's de N. S. do Rosario, Sant'Anna, S. Miguel e Almas, N. S. das Dores e S. Benedicto.

Apesar das investigações feitas, não pude saber com certeza a era da instituição de algumas d'essas irmandades.

A igreja da Veneravel Ordem terceira do Carmo é o mais bello templo da cidade e a ordem a maior corporação religiosa.

Sobre esta ordem apenas pude colher os seguintes dados:

Sendo provincial e geral do convento do Carmo na cidade do Rio de Janeiro, frei Antonio das Chagas, por sua provisão de 26 de Janeiro de 1777, foi autorisado a crear uma devoção com o ti-

tulo de Ordem Terceira de Nossa Senhora do Monte do Carmo, na então villa do Rio Grande do Sul, para o que nomeou commissario ao Reverendo Luiz de Medeiros Corrêa, que delegou seus poderes no vigario da vara e freguezia na mesma villa, padre José Gomes de Faria, principiando a funcção a devoção em um altar na igreja matriz no dia 15 de Julho de 1780.

Por carta régia ao principe regente D. João, datada de 14 de Março de 1808 foi revalidada a licença incompetente do bispo e provincial da ordem que havia autorizado a creação da mesma ordem, sendo por igual carta de 10 de Abril do referido anno a licença que tambem incompetentemente obtiverão do bispo para a erecção da igreja que teve seu principio em 1800 e foi concluida em 1809, sendo então bispo diocesano D. José Caetano da Silva Goutinho que por sua pastoral de Agosto do mesmo anno, autorizou ao padre Francisco Ignacio da Silveira para proceder ao acto da benção da referida igreja que teve lugar a 6 de Novembro do mesmo anno, sob o titulo de — Igreja da Veneravel Ordem Terceira de Nossa Senhora do Carmo, o que lhe foi confirmado pelo breve apostolico de D. Lourenço dos Condes de Calipio, arcebispo de Necibi e nuncio de Sua Santidade, junto ao governo do Brazil, em 7 de Agosto de 1809, instituindo legalmente a referida ordem; sendo aos 20 de Outubro de 1847 rectificada esta instituição, concedendo-se-lhe todas as graças e privilegios que são concedidos ao convento dos carmelitas na corte, isto por breve apostolico de D. Caetano Bedem, autorizado por beneplacito imperial.

E' o actual prior o prestante irmão Ernesto José Lins.

A capella da Veneravel Ordem Terceira de S. Francisco de Assis, sita á praça Municipal, é um pequeno templo de antiga construcção e sobre a sua edificação e fundação da ordem apenas a custo obtivemos os seguintes pormenores:

Os irmãos terceiros da Veneravel Ordem Terceira da Penitencia de S. Francisco de Viamão Francisco Corrêa da Cunha, Francisco Xavier de Amorim, José Vieira da Cunha, José de Azevedo Marques, José Martins de Oliveira, Manoel Ferreira Guimarães, padre José Ignacio dos Santos Pereira, Francisco Xavier Aragão, Manoel Antonio de Amorim, Pedro Gonçalves, Miguel da Cunha Pereira, João da Silva Miranda, José Corrêa Pestana, Francisco Pereira de Carvalho, Vicente Alves, Pedro Lopes, Manoel Luiz Lamas, Francisco Corrêa Gomes, Henrique José de Lima e outros que de longa data residião na então villa de S. Pedro do Rio Grande, e que na igreja matriz tinham edificado um altar em que collocarão as imagens de S. Francisco e de Nossa Senhora da Conceição, padroeira da Ordem, requererão um commissario allegando acharem-se desde a invasão da villa destituídos de quem os guiasse e pedindo ao mesmo tempo para ficarem independen-

tes da ordem de Viamão, pela razão da grande distancia que mediava da villa áquelle lugar, e então por patente de 19 de Setembro de 1781, assignada por frei José dos Santos Passos, ministro provincial de S. Francisco do Rio de Janeiro e frei Antonio da Natividade Carneiro, pro-secretario, foi nomeado commissario delegado o professo da Ordem Terceira de S. Francisco, o padre José Gomes de Faria, vigario encomendado da villa do Rio Grande.

A sua primeira eleição canonica teve lugar nesse mesmo anno.

Em virtude de uma provisão do bispo diocesano, o brigadeiro Raphael Pinto Bandeira deu começo a capella que existe, mas como não pudesse concluir-a por embaraços que então encontrou, por escriptura de 8 de Janeiro de 1794, fez doação do terreno e das bemfeitorias existentes, á Ordem, afim de que fosse concluida pelos irmãos a mesma capella.

Aos 29 de Outubro de 1814, em sessão de mesa presidida pelo ministro e commissario da Ordem, padre Francisco Ignacio da Silveira, foi por unanimidade deliberado, que se doasse a Matriz o altar que a ordem tinha na mesma, com todos os seus ornâmentos, para nelle serem collocadas as imagens de S. Pedro e S. Paulo, padroeiros da mesma Matriz, que nella existião sem altar e expostas a irreverencia, visto que delle não precisavão mais em consequencia de n'aquella data já terem trasladado para a capella as imagens de S. Francisco e de Nossa Senhora da Conceição.

Em 30 de Junho de 1832 pelo Exm. e Rvm. Visitador Soledade, teve a mesma ordem permissão para expôr com todas as solemnidades o Santissimo Sacramento em suas festividades, sem dependencia de novas provisões e dispensada de qualquer onus pelo seu estado de pobreza.

Muitos irmãos bemfeitores conta esta ordem, sobresahindo o Sr. Francisco Antonio Affonso, que em alfaias doou para mais de quatro contos de reis.

Possue um vasto terreno á praça Sete de Setembro, doado para edificar um novo templo, porém os cofres da Ordem tem estado sempre exhaustos, tornando se assim irrealisavel o intento de edificação de nova igreja.

E' o actual ministro o Sr. Henrique José Pereira.

Continúa.

HYLDA

ROMANCE

VII

Já cinco mezes haviam decorrido da partida de Julio para S. Paulo.

A habitação do velho Louzada sempre alegre e festiva, tornára-se desde aquella data, triste como se ali não vivesse ninguém. Parece que uma grande desgraça havia penetrado no seio d'esta familia.

Raras vezes se via agora um rosto por entre os vidros das janelas. As madresilvas que ornavão a fachada amarellecerão a mingoa d'agua e de cuidados. Nas jarras de Sevres que descansavam no marmore dos consolos, estavam ainda ali os ramalhetes do dia da partida.

Pobres! Ião de dia em dia desprendendo as folhas myrradas no meio d'aquelle ambiente gelado de tristura!

O piano agora era triste, talvez porque o doce impulso de uma mãosinha mimosa estrevazasse n'elle o immenso doer de sua alma.

O piano tem cordas como o coração e por isso obedece cegamente a mão que o vibra; conhece, comprehende e habitua-se finalmente com quem vive. Ha entre ambos uma relação, uma convivencia intima, um poder magico que não se explica.

Quando a alma chora, suspira, canta ou desfallece, o instrumento sente e exprime distinctamente todas essas emoções violentas e contrarias.

O piano entende, pois, a linguagem do coração, ou por outra adi vinha o que vai no fundo de nossas almas.

A única consolação de Hylda era elle agora.

Os seus protectores não sabião, nem de leve suspeitavão do amor forte e poderoso que vivia sob o mesmo tecto que os cobria.

Assim o piano tornou-se o confidente d'aquella alma de anjo; só elle sentia o queimor das lagrimas que rollavão de suas faces pallidas e abatidas nas saudosas vigílias.

Pobre Hylda!

VIII

Hylda vivia triste e chorosa; uma grande dôr magoava-lhe o coração saudoso. Suas faces cheias de viço e fresca desbotavão, como as magnolias aos áridos reflexos do sol estivo. Recollida em sua alcova passava ella os dias, só, sem ninguem; fugia da doce convivencia dos velhos; como se a presença d'elles contrammassem-n'a agora sobremancira.

Apezar da indifferença e do afastamento da moça o affecto que elles lhe votavão não arrefecia; ao contrario mostravão mais interesse e dedicação ainda.

— Está doente, é preciso ver-se um medico, dizião elles tódos os dias á moça, mas sempre encontravão da parte d'ella a recusa, a mais formal obstinação.

Uma tarde porem o velho sahiu e quando voltou do passeio trouxe em sua companhia o Dr. Flores.

O velho levou o medico a alcova da moça e voltou para junto da sua companheira, ancioso para ouvir o que dizia sobre a enferma, que já ia-lhe inspirando serios cuidados.

Pouco tempo porem o medico demorou-se.

— Então o que é que tem a menina? Não é nada, fica boa depressa, Dr., não é?

— Ha um só remedio. E' casual-a; em breve vai ser mãi, disse-lhe o medico retirando-se.

O velho estatelou de surpresa ao ouyir as palavras do medico, mas instantes depois dirigiu-se a alcova de sua protegida.

Hylda debruçada sobre o leito chorava como uma creança. Era a severidade da consciencia punindo a sua fraqueza.

● velho penetrou na alcova da moça e lançou um olhar fulminante sobre ella.

— Senhora, aqui só tem agasalho a virtude... Quem perdeu-n'a um dia não tem mais o direito de viver aqui...

Hylda levantou-se do leito, fitou o velho de frente erguida, mas nem uma só palavra pôde exprimir para justificar-se.

Se as sombras da noite não tivessem derramado uma tenue pe-

membra n'aquelle melancolico recinto, Hylda teria cahido aos pés do velho supplicando um raio de clemencia, o perdão, que todo coração bom não pôde frustar-se de dar ás almas purificadas nas aguas lustraes do arrependimento.

Cada palavra amarga que o velho vomitava de desespero contra a moça, arrancava dos seus olhos já amortecidos pelos annos, uma torrente de pranto.

Seu coração perdoava-lhe a fraqueza e por isso chorava; mas a alma d'elle escrupulosa e susceptivel sempre em assumptos de honra, queria um desabafo e foi por isso que a sua boca sempre tão cheia do brandura banhava-se agora no azedume da mais cruel austeridade.

— Bem... seja feliz... disse-lhe o velho retirando-se e deixando Hylda com o desespero n'alma, mas sempre de frente erguida.

Pallida e inanimada como uma estatua junto do leito ficou a infeliz moça; de repente porem reanimou-se, erão os assomos da dignidade offendida reagindo contra a severidade de seu protector, era o desvario da afflicção e do desespero atroz.

Hylda arranca os brincos de brilhantes e atira-os sobre uma mesa; abre a commoda, tira um chales e emmoldura n'elle o oval do rosto descorado nas vigalias do soffrimento; ajoelha-se, chora, soluça, e deixa finalmente com o gesto de nobre altivez aquelle aposento onde outr'ora sua alma se expandia de felicidade e agora sentia-se oppressa e abatida.

IX

Quem resvalla a beira d'um precipicio, e cae a queda é sempre fatal.

E Hylda resvallou.

Ella não é mais aquella menina meiga e ingenua que levava a vida descuidosa sob o tecto tranquillo do velho Louzada; cahiu ao desamparo de todos, e quando levantou a fronte angustiada, já o genio do mal lhe havia gravado o stigma da perda.

Seu protector 3 dias depois de havel-a despedido do seu lar, quiz ainda amparal-a, mas já era tarde. Seu coração de pai o arrastou aos degrãos de sua casa, onde em tudo se via a ostentação da riqueza e menos o mais pallido indicio de virtude; mas ella obstinadamente recusou obedecer ao seu velho amigo.

— Vamos... Deixa esta casa... Vem commigo, dizia ello no patamar da escada com os olhos inundados de prantos.

— Aquí é o asylo do vicio, e a sua casa é o asylo da virtude.

O velho comprehendeu a allusão, e desceu a escada com o coração esmagado de pesares sem mais dirigir-lhe uma só palavra.

Ainda o velho não tinha descido o ultimo degráo e já Hylda fechava a porta para esconder as lagrimas que borbulhavão entre os cilios avelludados.

Se Louzada havia sido rispido de mais, se havia sido severo até a brutalidade, repellindo de seu seio a menina que lhe amenisava a existencia, e isto quando ella mais do que nunca necessitava d'um amparo, de um braço poderoso que a não deixasse resvallar de abysmo em abysmo, ella, alma agradecida e criminosa devia ser mais indulgente perdoando-lhe os justos e santos assomos de amor paterno ultrajado.

Mas é que Hylda vendo-se desamparada, n'aquella noite, como uma louca levou aos labios a taça d'ouro em que se envenenão as marcôs delirantes.

E como poderia ella pedir um agazalho a uma honesta familia se o seu pai de creação lhe fechava para sempre as portas de sua casa?

Todos sabião como os velhos adoravão aquella menina e só por um grande motivo se verião obrigados a repellir de sua convivencia. O mesmo motivo que houve para que ella fosse repellida ainda subsistiria para qualquer outra familia honesta.

Nesse mar de perplexidade em que Hylda se viu engolphada, nesse turbilhão de duvidas, n'esse desespero e abandono, foi que ella encaminhou-se para a estrada do vicio.

Mas quando a bonança succedeu a tempestade, quando seu espirito se tornou calmo e sereno, foi que a pobre moça encarou a profundez da abysmo em que estava, arrastada pela mão sinistra da desgraça.

Quiz ainda arripiar carreira, mas já era tarde.

A mulher é como o meteoro: na queda ainda brilha, mas nunca mais se levanta.

X

No dia seguinte o velho Louzada escrevia a seu filho, em S. Paulo, narrando todos os acontecimentos que se derão em relação a sua companheira de infancia.

Era uma carta que fazia chorar o coração mais empedernido.

Seu filho quando a recebeu achava-se de cama, prostrado por uma pleunomia, a qual desde os primeiros symptomas inspirára serios cuidados ao medico assistente.

Quando Julio leu a carta de seu pai ninguem descobriu em seu rosto o menor abalo, a mais leve sombra de amargura ; é que a tempestade ia-lhe destruindo internamente, como essas revoluções submarinas que só mais tarde perturbão a superficie serena das aguas.

Nesse mesmo dia Julio recebeu uma outra carta do Rio Grande, porem logo pela lettra conheceu que era da infeliz Hylda.

Assim terminava :

Dizem que ha creaturas que nascem condemnadas desde o berço a beberem o fel da desgraça. Hoje, eu creio n'isto como na grandeza de tua alma. Uma dessas infelizes, sou eu. A fatalidade chamou-me e eu segui-lhe no seu rastiho de lagrimas e sangue. Deste mundo quando eu morrer só levarei as rosas perfumosas de teu amor e o doce philtro dos beijos de nosso filho.

A vista disto nada mais deves esperar do meu amor. Mas não te julgues por isso infeliz. Tu ainda pôdes encontrar a ventura no olhar meigo de uma virgem, tu ainda pôdes levantar a fronte sem corar e eu, Julio, nem mais uma aspiração santa posso sentir ; esmigalhei-as todas n'um momento de abandono e desespero.

Adeus, perdôa-me e sê feliz.

Hylda.

Continúa.

ACHYLLES PORTO ALÉGRR.

SERÕES DE UM TROPEIRO

{ COLLEÇÃO DE CONTOS SERRANOS }

O TENENTE NICO

III

A resolução do tenente Nico, que motivaria uma sublevação-se fora tomada por outro qualquer tropeiro, não causou entretanto grande descontentamento á sua companhia.

E' proverbial a aversão, que vota todo o serrano ao pouso de baixo do morro, quando julgão possivel vencel-o com dia. Este acontecimento, sempre para elles motivado por força maior, é recebido como um máo presagio. Já não é repugnancia o que sentem, é pavor; e por isso envidão todo o esforço para que nunca se realise. O prestigio porém do tropeiro, venceu a supersticiosa reluctancia de uns e a má vontade de outros, e n'um abrir e fechar d'olhos estava a tropa descarregada, a carga empilhada sob uma barraça de ligares, as bestas arrinconadas no fundo do rodeio, e a tenda do acampamento graciosamente armada na orla virente do capoeirão. Meia hora depois já a alegria resplendia em todos os semblantes; o verde corria a roda, e os bons ditos da gyria animavão a festiva scena do pouso: até pac Manoel, de quando em quando 'strugia os echos da serra com a gargalhada alvar.

Só o mais jovial e o mais bravo, estava triste e succumbido!

O tenente Nico, a unica origem d'aquella intima felicidade, que ali reinava não compartilhava d'ella: cedia a um sentimento estra-

pho, pungente e mysterioso que lhe despedaçava o coração e abysmava-lhe o espirito n'um cahos horrendo!

Ha momentos acerbos na existencia humana!... Momentos em que todas as nossas faculdades parecem suspender-se, trazendo a paralysis dos sentidos, sopitando os arquejos da respiração, em que a propria vida parece abandonar-nos.... alma e coração absorvem-se no vacuo infinito, onde desfallecem como um som que a brisa arrasta!

Oh! n'essas crises solemnes, quão longe estamos de tudo quanto nos circumda? Do homem resta apenas derribada em terra pela insanía a misera estatua de carne.

O tenente Nico passava por uma d'essas tremendas transições. Após largo tempo de quietação e mutismo ergueu-se como que impellido por força estranha — como um authomato — e embebêo-se na espessura da floresta, talvez menos sombria do que o seu espirito.

Onde ides, tu, soberbo rei da creação? Que é feito da tua fortaleza e do teu orgulho? Pois que! te não aclara o espirito a luz divina com que Deus illuminou a sua prima feitura?... ter-se-ia ella apagado?... Erras sem tino, como um insensato, .. peior que o bruto... nem siquer o instincto da conservação te demove o passo na marcha fatal! Quem és tu, acaso a lemure maldicta, que foge ao brado da sempiterna condemnação?

Não, tenente Nico, és um ser contingente; és um homem que, como todos, pagas o tremendo tributo da fragilidade!

Ha crises na vida humana, em que não só a dor e a duvida nos acabrunhão, mas até a felicidade e a propria crença nos esmagão e nos torturão! Por uma d'essas inexplicaveis transições passava o varonil tropeiro. As palavras do mulato despertando-lhe a lembrança de Amelia, adormecida em sua alma, entre esperanças, vibrarão-lhe no mais intimo do coração apaixonado! N'aquella promessa condicional feita a José pela ingenua virgem das montanhas, havia mais do que a revelação de um mysterio: a revelação de uma alma, que comprehendia e retribuía em toda a immensidade os nobres affectos da sua.

No dia seguinte elle a veria, a estreitaria sobre si — confundiria n'uma só harmonia o palpar de seus corações; no dia seguinte a suprema ventura de ambos fruida sob um tecto, que pouco devia tardar á ser commum; e no entanto, a saudade chegava-lhe ao labio a taça agridoce, e d'envolta com as esperanças, as mais ridentes e fundadas, um vago presentimento de infortunio lhe conturbava o sonho de felicidade.

— Nharinha! Nharinha! Oh! tu não podes nem siquer pensar quanto te amo! exclamava o inditoso amante. Dessem-me tudo quanto o mundo encerra em gosos, que os repelliria com

ódio e desdém se tu os não pudesses partilhar ! Por Deus, Nhariana, que sim ! Só contigo, na solidão da floresta, sem mais abrigo e sem mais trens, eu viveria feliz !... O ôco de um pinheiro nos serviria de habitação, os fructos e a caça bastarião para nosso sustento : de pelles serião nossos vestidos, e a tua rede de plumas. Eu velaria junto a tua cabeceira ! Sim, Nhara, eu que invejei a valetia e dextreza de Joaquim acommettendo o tigre, e matando-o com a adaga, eu o esmagaria entre os braços se elle ousasse siquer com seus horridos rugidos perturbar o teu somno.

— Que diacho está ahí o patrão a resmungar sosinho : — ôco de pinheiro, esmagar um tigre nos braços ? — interrogou-o com interesse Joaquim, que vindo recostar a tropa, o topou no caminho, seguiu-o, e ouvindo e comprehendendo a causa do seu sofrimento procurava distrahir-o de tão tristes cogitações.

— Estava dizendo cá aos botões do meu jaleco, respondeu-lhe o tropeiro, procurando dissimular, — que queira Deus o teu couro de tigre não nos deite a tropa fóra, espantando-a da ronda.

— Antes pelo contrario, agora é que é o mesmo que se ella estivesse no palanque, eu estaquiei a casca do bicho mesmo na bocaina, pramode as mula não puchá pra riba... Quando se sente o cheiro da querencia, não é só os alimal que forceja ; a gente mesmo tambem pucha...

Como a morte o amor aplaina as eminencias sociaes e nivelando as condições, torna-as accessiveis... mas faz-nos egoistas, e então calcamos nos reconditos d'alma os segredos do coração, quebrando o encanto do sonho.

O homem, o ser social e juridico despertava, e ao acordar reasumia o gozo das faculdades tollidas pela abstracção. Deixou-se guiar pelo indio, seguindo-o até o acampamento, onde conservou-se isolado e triste. Nem a tagarellice do mestiço, nem as bestidades de seu velho e fiel servidor, nem o urnear das mulas, nem o crepitar da fogueira, nada d'isso que torna festivo o pouso do tropeiro, o distrahia de sua funda tristeza... nada, nem o chimarrão, nem o cigarro !

Mas o astro fulgurante reclinava a fronte nas purpuras do occidente ; a dhulia vespertina tresuava dos languores da natureza. Apropinquava-se a hora mystica em que as aves soltando os ultimos garrulos, concertão o grande hymno, que a creação eleva unanime ao solio angusto do Creador.

Aquelles homens semi-barbaros, prosternão-se e orão !

Hora poetica e mystica, que o christianismo consagrou ao louvor de Maria, sê para sempre bemdita !

IV

Vêm cahindo como as nevoas do inverno os flocos de sombras, impellidos pela aura embalsamada dos effluvios, que emanão da caçoila do sertão virgem.

O trilo agudo do caboré é o memento que termina annunciando que o dia acabou.

E os euros passão ungidos dos aromas, que rescende o sertão — tangendo na harpa immensa do universo um tremulo de incfaivel e melancolica harmonia.

A brisa acalma; o fólhedo cala o murmurio; e a peregrina da noute rompe o broquel de nuvens de azul ferrete, que lhe velava a face pallida e meiga: reina profundo e religioso silencio.

Tu, immortal Bellini revelaste aos homens o encanto d'esto silencio!... mas agora não é o paganismo que o poetisa nas ceremonias druidicas, não é a tua *Norma*, que lhe rende a oblação de uma alma maculada, mas um dos *troubadours* da media idade quem rompe o encantamentô d'esta hora mysteriosa.

A viração tange a surdina na harpa immensa do sertão, e a ella casa-se uma voz sã, metallica, sonora, terna e melodiosa.

De quem é pois essa voz, que enternece e seduz, que possue todo o nosso ser, que tantas emoções nos desperta n'alma?

Não percamos uma unica d'essas notas divinas, uma só das letras d'essas trovas inspiradas pelo amor e pela crença; ouçamol-as:

Quando o sol remonta a serra
Doura a terra ao seu clarão...
Só meu peito não se aclara,
Não vê Nhára o coração.

Camba a noute... em triste pouso
Não repouso, como a estrella...
Ena canção do tropeiro,
Digo inteiro o nome d'ella.

Quão feliz é o passarinho
Junto ao ninho a cantar!...
E eu aqui tão longe d'ella
Nhára bella, a suspirar.

O ultimo verso subiu do coração n'uma torrente de pranto que embargou a voz ao cantor, e os echos docemente prolongados absorveo-os o infinito.

Mas de quem era aquella voz repassada de tantô sentimento e dulçor? quem cantava assim, a horas tardias aos harpejos da lyra colossal da matta virgem?

Era elle, o poeta verdadeiro — o tenente Nico.

V

O dia em que o serrano, após rude e trabalhosa romagem, tem de galgar a ultima eminencia da cordilheira, a boca da picada, communmente denominada *o morro grande*, é para elle um dia de jubilo sem par.

O morro grande, essa enorme mole de granito anfractuosa e alcantilada, lançada ali como um pedaço do universo partido pela colera divina, é annuciado por um brado de alegria, por um grito que parte d'alma e se derrama expansivo pelos reconcavos da serreria fazendo estremecer suas abobadas sombrias, como se repercutisse os echos da tempestade ao vacuo profundo dos taymbés: grito intimo do naufrago ao ser arrancado do abysmo... grito igual ao do gageiro desvendando a terra entre as neblinas da costa.

E' que esse colosso alteroso, sacudindo pela espadao parda-centa as madeixas de pinheiraes é tambem uma atalaia, que assignala ao tropeiro o termo da viagem.

E' que além d'aquelles quinze zig-zags, ingremes e resvalosos, está a boca da serra, e o campo se lhe desdobra infinito ante os olhos, ainda semi empanados pela poeira da estrada, em suas graciosas ondulações, com seus bellissimos *platós*, formando aqui um valle onde deslisa veloz o torrentoso Santa Cruz, ali descambando em uma rampa suave e macia como um estendal de velludo verde matisado de espigas de ouro!

E' que além da serra, na faldá de uma montanha, que se desenha ao longe no horizonte mais azul do que o anil do firmamento, está o capão da casa, que mal se loriga por entre os innumerables renques de macieiras e ameixeiras, que dobrão os ramos ao peso de seus fructos roxos e escarlates. E' que ali está o lar, o gado, a tropa, a manada, a tropilha, a estancia emfim, o complexo de tudo quanto o tropeiro possui em affectos e haveres.

Se, acampando a beira da picada, no coração do sertão, despreendido da vida ou esquecido de que a tem exposta aos maiores perigos, aos ataques traiçoeiros da fera e do gentio, ao redor da

fogueira, confiado á guarda da Providencia, o serrano tem alguma cousa de grandioso que impressiona o espirito do observador, ao erguer do pouso tem algo de poetico, que seduz e divinisa !

E' vel-o ahi ! a estrella d'alva não se ergue primeiro que o tropeiro, e nem o canto do sabiá é mais teruo e grato do que o seu *quero mana*, e nem mais cadente que o harpejo da viola. Esse horrivel instrumento de tortura acustica, insipido, monotono, estúpido a matar de tedio, ou seja rasgando a *tyramna*, cadenciando os quebros da *chimarrita*, ou o grotesco sapatear do *aná*, em um fandango ; esse instrumento barbaro como o boré indiano, monotono como a puta do cafre, tangido ahi ao sopé do morro grande, anima-se... falla, ri, palpita, arqueja e chora !... sente com o serrano as mais imas emoções, e as traduz em inspirada melodia. Oh, ahi, mas só ahi, eu quizera sempre ouvil-o.

O fogo crepita e menea a flamula rubra, a chaleira tomba, estravasando a agua, que se evaporisa e o violeiro se não apercebe. . . a inspiração o transporta, o abstrahе, o eleva da terra ás regiões do sublime.

O semi barbaro e o homem civilisado confraternisão n'um mesmo sentir, commungão um mesmo ideal, na madrugada em que devem fazer a ascenção do morro grande, ou no pouso por noutes de luar.

Se o sertão é a harpa da natureza, a viola é ahi a lyra do coração.

Bem o dissestes tu, sublime Staél : — Ha certas impressões tão vivas, que a nossa pobre e debil natureza se teme a si mesma, quando as experimenta. »

Continúa.

Daymã.

DISCURSO

**Pronunciado no 15.º sarão do Parthenon Litterario,
pelo socio Aurelio V. de Bittencourt.**

INSTRUCCÃO OBRIGATORIA

Minhas senhoras — Meus senhores.

Ao subir á tribuna das prelecções do *Parthenon Litterario*, não, o faço com a louca pretensão de vir illustral-a, nem de corresponder á espectativa do luzido auditorio, que tenho presente.

Venho occupar hoje este lugar, que outros tem levantado tão alto, porque me não foi permittido escusar-me á este arduo encargo, quando me intimava a tomal-o a hombros a nobre associação, a cuja base tive a fortuna de levar tambem uma pedra no memoravel dia 18 de Junho de 1868.

As difficuldades se me antolhão de momento a momento, e sinto que não terei valor para superal-as. Não vale todo o esforço quando não o secundão os primores de um talento cultivado, de uma profunda illustração.

Ouso esperar entretanto em meu favor a vossa benevolencia. A confiança que n'ella tenho vem de que sois bastante generosos para recusai-a a um timido obreiro das lettras, consciante da fraqueza de suas forças para poder captar as vossas sympathias.

Venho fallar-vos de um assumpto importantissimo, que hoje occupa as attentões de todos aquelles que têm viva no coração a çhamma do amor da patria.

Venho fallar-vos sobre a instrucção publica, objecto de magna

transcendencia, a que se voltão todas as actividades, todas as intelligencias dos que considerão que um dos mais nobres deveres do cidadão é interessar-se pelo bem geral.

Para mim entendo que deve ser obrigatorio o ensino.

Disseminação de escolas em toda a parte onde exista um nucleo de pessoas; o maximo escrupulo na escolha dos professores, tirados dentre os que por suas habilitações tenham adquirido um titulo legitimo de capacidade; a obrigação dos pais de fazel-as frequentar por seus filhos; — tal se me afigura o maior auge de grandeza para o nosso magnifico paiz.

Fazendo vida propria ha mais de meio seculo, o nosso desenvolvimento moral não tem sido o que se devera esperar se se combinassem todos os esforços, assim dos governos como dos povos, para tão proveitoso commettimento.

Até antes da guerra do Paraguay nada tinhamos feito em materia de instrucção, ou o que havia feito era tão pouco que só tambem poucos o conhecião.

Essa luta titanica, que por um conjuncto de circumstancias teve uma duração que excedeu a todas as previsões, não permittio que consagrassemos ao ensino popular o interesse que elle merece ás nações mais civilizadas, a cujos exemplos de grandeza e prosperidade vamos pedir inspirações.

Terminada a campanha, que, se nos legou avultados compromissos e nos roubou milhares de compatriotas, deixou inscriptas no livro de nossa historia paginas brilhantes, produzidas pela heroicidade das legiões brasileiras, externou se a idéa de levantar ao imperador uma estatua, para commemorar as nossas victorias e em homenagem ao patriotismo revelado pelo primeiro cidadão do Brazil quando a affronta estrangeira sangrou o coração da patria

Grandiosa idéa foi essa pelos resultados que lhe sobrevierão!

O monarcha recusou a estatua, e em vez d'ella lembrou que applicassem os capitaes recolhidos á construcção de edificios apropriados para escolas do povo.

Comprehendeu bem Sua Magestade que á um só monumento, custoso mas sem outra utilidade que a de occupar por instantes a attenção dos curiosos, era preferivel levantar muitos monumentos, que trarião como consequencia o orgulho de nós mesmos, a sympathia e o louvor do estrangeiro, o proveito das gerações que surgem, as homenagens das que estão por vir.

A idéa do monarcha correu todos os angulos do paiz e começou então essa revolução que o agita e que permitta Deus não cesse emquanto não houver produzido todos os seus resultados benéficos.

A' palavra do imperador não podia deixar de seguir-se a acção

do governo; mas acima d'esta levantou-se o espirito publico, e a iniciativa dos cidadãos se tem manifestado em diversos pontos do paiz de um modo que é muito para applaudir por aquelles que desejão os povos traçando aos governos a marcha das sociedades.

Antes de passar em exame os movimentos da instrucção em diversas provincias, comparado com o que tem tido em nossa terra natal, dir-vos-hei algumas palavras, que justifiquem o meu pendor pela instrucção publica obrigatoria.

Tenho ouvido dizer, em nome da liberdade, que a instrucção não deve ser obrigatoria. Eu, pelo que se passa entre nós, pelos resultados que este systema tem e vai produzindo em mil partes, adopto-o com todas as veras como um serviço feito á liberdade.

Posso andar errado, affastando-me do parecer de homens competentes, a quem sagro toda a veneração; mas digo d'aqui a minha opinião, boa ou má, conforme ella se formou no meu espirito.

Não é um caso isolado: temos visto que muitos pais, aproveitando-se cedo do auxilio dos filhos para augmentar-lhes o trabalho, não os mandão á escola para não prejudicarem a sua renda diaria. A criança, que não tem a idade precisa para conhecer que salutar beneficio perde de receber, torna-se homem e faz sua entrada na vida pratica pelo braço da ignorancia. Pudera ser talvez um cidadão util ao seu paiz nas sciencias, nas lettras, nas armas; pudera illustrar o seu nome por feitos importantes; mas as trevas em que cresceu não lhe permitem acesso aonde ha luz. O infeliz, se lá pudesse chegar, teria de corar diante de si mesmo e do arquir o progenitor culpado de sua cegueira.

Não succederá assim, muito frequentemente, nas grandes cidades, em que a civilisação faz caminho; mas ide ás povoações do interior e os exemplos d'esta verdade vos levarão á convicção de que, pelo menos para ahi, deve ser decretada a obrigatoriedade do ensino. Será o meio de trazermos á communhão social muito manco que entende que a vida deve levar-se em materialidades, em diversões em que a intelligencia não entra como parte.

O que lucra a liberdade com a instrucção obrigatoria?

Vem a ser que, sabendo ler, o homem está habilitado a conhecer de visu proprio toda a extensão dos direitos que lhe cabem como cidadão; e se os exercer sem constrangimento, pedindo sómente conselho ao intimo d'alma, o filho da America não terá coragem de golpear a liberdade.

Os pais, como se pratica em todos os lugares que tem votado o ensino obrigatorio, devem ficar sujeitos a uma multa quando se obstinem em não mandar os filhos á escola procurar o pão espiritual.

Adoptada uma qualquer medida, força é cercal-a dos meios de exacta execução. Punão-se as transgressões com a elevação do

valor das multas; chegue-se mesmo até ao extremo de retirar aos pais remissos o poder que têm sobre os filhos; — se objectarem que é uma tyrannia, direi que é uma tyrannia justificavel, porque vai arrancar á ignorancia uma cousa e fazer d'ella um homem!

Dizem alguns que o ensino deve ser livre e apresentão para isso as suas razões, que eu penso que serão procedentes em época que ainda vem longe, quando, deixem-me assim exprimir, cada pai fôr um mestre.

Com a adopção do ensino obrigatorio e a maxima fiscalisação, temos certeza de que todos saberão ler e escrever; feita a luz nas trevas de seu espirito, a mocidade começará a desenvolver as suas forças intellectuaes e d'ahi não podem advir senão grandes proveitos para o futuro de nosso paiz, que deve merecer todo o nosso esforço, todos os nossos cuidados.

Saiamos fóra do Brazil e procuremos saber o que tem sido para muitos lugares o ensino obrigatorio.

Remontemo-nos á metade do penultimo seculo, vamos a um Estado da famosa patria de Washington, tão digna do nosso respeito e do nosso enthusiasmo pelas verdadeiras maravilhas em todos os ramos dos conhecimentos humanos, que em seu seio se tem produzido; penetremos por elle, que é o Connecticut e acharemos nas paginas de seus annaes a lei que determinava aos conselheiros municipaes que não permittissem aos filhos-familias não saberem a lingua ingleza com perfeição. Uma pena de 10\$000, enorme se attendermos ao lugar e ao tempo, punia qualquer falta n'este sentido. A *ultima ratio* vinha a ser privar o pai da guarda do filho.

Por circumstancias que não vem a pello nomear agora, essa lei depois de certo tempo não produziu todos os seus resultados; o que já não acontece a outra lei que o mesmo Estado promulgou ha trez annos, estabelecendo a multa de 10\$ por semana de ausencia não justificada do menino á escola. Até bem pouco nem uma só penalidade d'estas tivera applicação!

Traslademo-nos á Suissa, terra admiravel porque parece que ali é que tem seu berço a liberdade; pequena na extensão, mas immensa pelo rastro luminoso que os raios da instrucção tem feito no espirito do seu povo.

Dos 25 cantões em que se divide, 21 adoptarão o ensino obrigatorio.

Emquanto os paizes que a circundão buscão firmar a sua preponderancia fazendo appello para o numero de seus soldados, a perfeição de suas armas, a quantidade de seus navios, o alcance de sua artilheria, a illustre Suissa empenha-se em diffundir a luz do ensino até ás infimas camadas; emquanto aquelles compromettem o futuro esgotando o credito para impôr a sua omnipo-

tencia, a Suíça applica as suas rendas na criação de escolas, nò preparo dos mestres, na propaganda a prol da melhor das causas a que o homem possa consagrar o seu tempo e os seus talentos.

Os nossos filhos, quando pequenos, sonhão com o dia em que hão de figurar de anjos nas procissões; a criança suíça aspira antes de tudo pelo dia de poder ir á escola.

A Hollanda recusa certas garantias sociaes aos pais que não educação os filhos; a Italia imitou o exemplo de multar aos pais nessas condições; na Dinamarca, Suecia e Noruega o ensino obrigatorio produz o mais benefico successo.

O que vemos nós na Alemanha? Com o mesmo rigor com que se leva o homem valido ao serviço das armas, logo que lhe coube a sorte, procede-se em relação á frequencia obrigatoria das escolas. Se apparecem clamores contra o serviço militar, que vem affinal a pezar com mais força sobre o povo, porque os ricos sempre encontram facilidade de abrir a porta das escusas, ninguem articula uma queixa contra a lei que obriga o pai a mandar o filho á escola. As penas, em que entra a censura publica, são lettra morta porque não ha delinquentes a punir.

Toquemos na França, que Hugo denominou com toda a verdade — coração da humanidade. Ahi vemos dous homens eminentes, um que passou hontem á eternidade, e cuja memoria pranteão verdadeiramente compungidos todos os amadores das letras; outro, a quem já muito deve a França, e muito mais terá a dever ainda, se a Providencia dilatar-lhe por muito tempo a vida. O primeiro é Guizot, que ha pouco cessou a sua peregrinação pela terra; o segundo é Jule Simon, um dos mais fecundos talentos que conta a sua patria. Guizot foi dos mais encarniçados oppositores que teve a idéa, que eu, muito mal, bem o sei, estou advogando; mas os raios da verdade esplendida dissiparão as sombras do erro e o eminente e laureado historiador francez veio a collocar os seus serviços á causa que annos antes combatera com todo o calor.

Conhecem todos bem que Jule Simon é talvez hoje o mais notavel advogado que tem o ensino obrigatorio gratuito. No projecto que elle elaborou e apresentou, infelizmente sem proveito, á assembléa dos duques de Versalhes, estabelecia a pena de 100 francos e suspensão do direito de voto por 3 annos; e que depois de 1886 nenhum cidadão votasse para fins politicos sem saber ler e escrever.

Ainda ha pouco li n'um precioso jornal americano a noticia de que no Illinoís foi approvado um projecto da camara dos representantes determinando que todos os meninos e meninas entre 9 o 14 annos de idade devessem frequentar a escola ao menos durante 3 mezes do anno e ahi receber lições de leitura, escripta; gramma-

tica ingleza, geographia e arithmetica. Penas aos pais remissos de 2\$ a 10\$ por semana.

Voltemos ao Brazil. Não me sobrou vagar para examinar a legislação de todas as provincias, e por isso só posso dizer-vos que no Ceará tornou-se obrigatoria a instrucção elemental para os meninos de 7 a 15 annos e para as meninas de 7 a 12, declarando-se livre o ensino particular; que em Santa Catharina ainda em 11 de Abril d'este anno era sancionada uma lei obrigando, nas cidades e villas, os pais, tutores ou protectores das crianças de certa idade, a dar-lhes instrucção primaria, e estabelecendo penas para castigar aos refractarios a este dever.

.....
Na nossa provincia.....

Perdão, senhores, se na apreciação do estado da instrucção entre nós, eu vou dizer a verdade como a sinto; pezar-me-ha se a alguém fôr desagradavel o que vou dizer, mas eu aqui tenho do cingir-me ao que é real, sem o direito nem de fazer favores, nem de praticar injustiças.

Não me vou referir a personalidades; peço-vos, senhores, que me considereis n'este momento acima de qualquer sentimento menos nobre.

O nosso querido Rio Grande vai indo caminho do progresso intellectual com uma lentidão que muito é de entristecer a alma dos que se interessão pela causa da instrucção.

Ao que attribuir facto tão contristador?

A uma serie de circumstancias, cuja demonstração exigiria muito tempo, que me não é licito occupar, não só por deficiencia de forças, como porque pretendo ser breve para permittir, especialmente ás senhoras, maior espaço á parte mais amena d'esta reunião.

Em primeiro lugar, senhores, o cargo de director geral do ensino publico entrou na ordem dos de confiança politica, e cada nova situação nos dá um novo director, quando uma mesma situação não nos dá dous ou tres. Eu quizera que o director, escolhido depois que houvesse dado provas de suas lettras e de seu devotamento a este ramo, occupasse o cargo enquanto mostrasse cumprir bem os seus arduos e importantes deveres.

Esta oscillação constante na direcção suprema do ensino traz como resultado uma confusão despropositiva, porque a obra de um vem a ser reformada pela de outro dentro de pouco tempo, e afinal é uma tal agglomeração de disposições, que se contradizem, que ninguem se entende.

O nosso segundo mal é o pessoal docente de nossas escolas.

Com vencimentos mesquinhos, ás vezes insufficientes para poder um homem prover aos meios de sua subsistencia, não é a car-

reira do magisterio a que mais convida á nossa mocidade, a quem escasseão recursos para seguir os estudos superiores.

Assim, annuncia-se o concurso para um numero avultado de escolas, e são providas afinal de professores uma meia duzia.

Que se faz então, desde que não apparece quem, habilitado por titulo de capacidade obtido em exame, preencha as cadeiras vagas? Contrata-se por um anno pessoa que se incumba de embair os pais, e receber ao fim do mez uma gratificação do cofre provincial. Como se fazem esses contratos? Por muito sabido que isso seja, nenhum mal provém de indicá-lo aqui. Um individuo está descontente porque, por exemplo, ha muitos do seu officio na cidade e só com muito esforço e paciencia pôde tirar com que remedeie as suas necessidades. Obtém meia duzia de empenhos de pessoas que elle sabe que hão de ser servidas, e no dia menos pensado a gente tem a surpresa da noticia de que Fulano deixa a sua profissão para ir ensinar o que não sabe aos meninos pobres da freguezia tal.

Que consequencias temos tirado da medida dos contratos de professores? ~~Gaspar dinheiro, acorçoar a preguiça e abater a causa que devíamos levantar.~~

Salvando honrosas excepções, é pobrissimo o professorado publico; a maior parte, principalmente os mestres contratados, não fazem do ensino um sacerdocio, porque falta-lhes a vocação, as habilitações, os elevados requisitos que deve revestir quem de coração se consagra á tarefa sublime de educar a mocidade; elles, que nada sabem, que nada procurão aprender deixão as crianças entregues á propria discrição e vão recolhendo com pontualidade os magros vencimentos.

A estatistica nos dá 304 escolas publicas de instrucção primaria, sendo 186 do sexo masculino e 118 do feminino. Na ordem das provincias occupamos o 6° lugar; só nos estão acima em numero de aulas a Bahia, Minas-Geraes, Pernambuco, Rio de Janeiro e S. Paulo.

Pôde parecer lá fóra que possuindo já tão crecido numero de escolas, vamos caminhando com celeridade pela estrada do progresso moral na mesma proporção do desenvolvimento material que tem assignalado estes ultimos annos; mas a verdade é que ha outras provincias, o Maranhão por exemplo, que conta 134 escolas, mas que são escolas.

Por muito felizes nos devíamos ter se iguallassemos o Maranhão na brillante rota que leva em seu desenvolvimento moral e mesmo material. Temos talvez aqui filhos illustres por seu saber para collocar em frente de Gonçalves Dias, Odorico Mendes, Sotero dos Reis e outras notabilidades que constituirão e constituem ainda hoje o orgulho d'aquella porção do imperio; mas falta-nos

sobretudo iniciativa, sobretudo gosto e amor para ganhá-los na carreira em que vão á busca dos largos fructos que a instrução pôde dar.

Nós temos algumas escolas regidas por professores habilitados legalmente; mas por uma d'ellas contamos duas pelo menos em que o professor pouco pôde fazer no interesse do alumno, porque pouco conhece d'aquillo que tem a transmittir á criança confiada aos seus cuidados.

Urge melhorar o nosso professorado.

Temos para isso dado um passo — a creação da escola normal. Mas para que esta produza todos os bons resultados que ha a esperar de tão importante instituição, força é que o corpo dos professores das diversas materias se componha de cidadãos altamente habilitados; que ao fim do anno haja severidade nas provas dos que a cursarem, para que não venha a receber um titulo de capacidade aquelle que não souber bem o que tem depois de ensinar aos outros. Não entrem na apreciação das habilitações dos alumnos outros moveis, que não sejam a justiça e o direito. A benevolencia tem dado os fructos que estão á vista — mãos professores e portanto o mais lamentavel estado de ignorancia das crianças.

Procurando melhorar o estado da instrução primaria entre nós, a cujo empenho devem consagrar seus talentos e actividades não só o digno cidadão que ora está á frente d'ella, como aquelles a quem a vontade da provincia confiou a missão de legislar sobre os seus destinos, é preciso que tambem busquemos por outro modo provar que tambem somos capazes de occupar nas letras o mesmo lugar honroso que a bravura e a heroicidade nos tem assignado nas pugnas guerreiras.

Temos um Atheneu, isto é, um vistoso edificio, para cujas galas internas e externas tantos claros se abrirão na renda da provincia. Porque não fazer que quanto antes comece elle a prestar-se ao mister para que foi levantado?

A assembléa provincial, em seu penultimo biennio, creou uma bibliotheca publica; passou já uma legislatura e a bibliotheca ainda é uma esperanza. Possui alguns livros, mas que dormem na poeira dos armarios alimentando as traças. Não fôra nobre applicar annualmente uma verba, embora pouco avultada, á aquisição de bons livros historicos, scientificos, etc.? Não ha quem possa desconhecer as vantagens que traz a fundação das bibliothecas. Se a provincia, pelo estado de suas rendas, em larga parte applicadas a melhoramentos materiaes, não pôde levar a effeito a idéa de franquear ao publico a bibliotheca que lá existe no Atheneu, ou faça doação d'ella a quem se sabe que a ha de utilizar por bem de todos, ou então os directores da instrução se imponhão a tarefa de concitar o patriotismo de seus concidadãos, pedindo-lhes

os meios de tornar realidade o pensamento do Dr. Borges Fortes Filho, traduzido em lei da provincia.

Se o *Parthenon*, se os *Ensaio*s contão já uma regular bibliotheca, formada sem sacrificio dos cofres de tão distinctas corporações, — utilise os meios de que ellas se tem servido o director do ensino publico. Nem ser-lhe-hia difficil a tarefa, — tão grande numero de relações lhe tem creado a sua posição na nossa sociedade, e as sympathias que conquista o seu trato.

Devemos confiar mais na iniciativa dos cidadãos, cuja suprema aspiração é o bem e o futuro da patria. Esperar tudo da acção do governo e da cheia dos cofres, é retardar a obra do nosso progresso, quando nossas irmãs menos ricas e importantes tem já passado adiante pelo emprego do esforço collectivo a prol das boas causas.

Ha ainda uma classe de corporações, que não excederão da esphera de sua missão se tambem voltassem olhos á creação de bibliothecas populares. As camaras podião tentar isso em beneficio de seus municipes; a de Valença, no Rio de Janeiro, já obteve perto de sete contos de reis para tão proveitoso fim.

Dai á criança o ensino primario, de que por nenhum modo e a nenhum titulo se deve privar-a; dai-lhe depois bons livros com que á noite occupe o espirito, aprendendo o util e deleitando-se no agradável; mudará então a face de nossa sociedade.

Esta, se quer possuir bons cidadãos, que a coadjuvem na obra do progresso, da civilização, tem por primeiro dever creal os.

Quando em cada povoado houver uma escola, em cada escola, um mestre, em cada mestre a personificação do saber e da dedicação pelo adiantamento intellectual do alumno, teremos com certeza em cada criança um futuro bom cidadão, e em cada cidadão um typo de moralidade, de dignidade, de devotação aos interesses de sua terra.

Vemos muitas vezes e nos horrorisamos da larga estatística dos crimes. A sociedade offendida com o assassinato de alguns de seus membros, pede a altos gritos a condemnação do que se fez réo de grave delicto, quando é ella a unica responsavel por não ter curado de combater a ignorancia, de vencer o mal que acarreta o embrutecimento do espirito e o desconhecimento de deveres e direitos.

Sinto, senhores, a necessidade de terminar. Escasseão-me forças para desenvolver o magno assumpto que tomei por objecto, e além d'isso, com a consciência de que tenho estado muito abaixo dos desejos da associação e da expectativa de vós todos, quero concluir, para que possaes dizer — se foi pequeno em relação á these, teve ao menos o merecimento de ser breve.

Senhoras e senhores. — A mocidade foi em todos os tempos e

em toda a parte a alma das sociedades. E' ella quem promove as revoluções do trabalho, que dão a prosperidade e o bem estar das populações. E' ella quem se colloca á frente das lutas da intelligencia contra a ignorancia, da luz contra as trevas, do bem contra o mal. Se a mocidade não se deixar enervar pela indolencia, que é um crime, pela indifferença que é a morte, gloriosísimos destinos estarão reservados á nossa querida patria. Ella nasceu hontem; eduquem-n'a nas lições do trabalho e da liberdade, e ella crescerá forte, respeitada, digna.

Somos um paiz opulento pelas grandezas naturaes que a Providencia nos concedeu; pois bem — a par das vias ferreas accelerando as communicações e levando aos pontos que percorrem a vida, o progresso, a felicidade; do telegrapho electrico approximando quanto é possivel as distancias e servindo assim a interesses muito importantes; da multiplicação de navios sulcando os mares, espalhando por nós os trabalhos da industria estrangeira, ou levando ao estrangeiro os productos da nossa; do desenvolvimento da emigração, que serve para trazer-nos novos elementos de prosperidade com a povoação e cultivo de terras deshabitadas; emfim a par de todos estes e mais outros agentes do nosso progresso material, — deve andar o esforço para que lhe corresponda o desenvolvimento moral. Vós, mocidade do *Parthenon*, que com rara coragem, porque vos alimentava a fé, abriste caminho por entre as massas de gelo da indifferença da multidão, e ergueste um templo ás letras, e primeiro poucos, trouxeste depois á partilha dos sacrificios aquelles mesmos que tinham tido a principio pelo vosso commettimento o sorriso da duvida; vós que acompanhaste a propaganda da emancipação por um acto que vos nobilita — restituir a liberdade a 50 crianças que tinham nascido sob as agruras do captivoiro; vós, mocidade pujante, não desanimai no esforço que praticaes a prol da instrucção com a instituição d'estas prelecções, e mais do que isso, com a das aulas nocturnas, muito embora a mão do Estado se retraia ao concurso que vos devera em tão nobre tentamen. Segui avante com toda a fé, que se a justiça do presente falhar-vos, tereis com certeza o galardão da posteridade. A mocidade é a alma, a vida, o coração, a nobreza, a dedicação, o bem, tudo emfim que é grande e sauto; será pois ella quem ao Brazil fará o caminho que vai dar á gloria.

PHANTASIA

A FILHA DO CAPATAZ

A casinha pequenina e alva do velho capataz, quasi se escondia nos tufos verdejantes do laranjal, como uma capororóca branqueando no meio dos agua-pés do lagoão.

A frente toda limpinha e de fresco caiada, deitava para o terreiro, e os lados e fundos se submergião no verdor do quintal.

A luz da manhã a banhava em sua primeira onda, loura e travessa como um sorriso de Lulucha; o escurecer da noite a envolvia nos tremulos crepusculos, tremulos como os labios da gentil criança quando apinhoscavão beijos...

Quando ali na janella a loura cabecinha se mostrava, todos os quindins da belleza e do amor, como laminas ferinas, fluctuavão nos sedosos cachos de Lulucha; de Lulucha cujo petulante rostinho enfeitava...

E' que a mais provocante malicia nos rochunchudos labiosinhos rubros gambeteava; é que em seus olhos a seducção despedia coriscos de certoiro alvo.

E a diabolica e angelica creatura, amavel colibri da fascinação, no ambiente do capricho desatava as azas...

Do sorriso banhado ainda em uma luz divina, Lucifer, o seductor, atirou á pollida e timida Elóa; d'esse sorriso perdido nas espheras luminosas, fecundado na terra, desabrochou semi-anjo-semi-demonio uma borboleta, colibri, — corruira: o caprichoso ente que se chamou Lulucha.

Lulucha, oh, infernal anginho!...

Na charqueada estava como caixeiro recém entrado Arthur de Lima.

O debochado moço consumindo em pandegas toda a legitima que lhes deixarão os pais, vira-se em pouco tempo constrangido a buscar um emprego remunerado, afim de ter alguns meios de viver: trocava o fraque do leão pela japona do caixeiro; os gosos da volupia pelos enfados do trabalho: e por isso quando alta noite o sino lá do varal soava solemne, chamando a negrada á cancha, Arthur, meio dormindo, caminha para o galpão de lapis na orella e o caderno de matanças debaixo do braço.

Por traz do ultimo esteio do galpão, junto á porta do bretó já encontrava o velho capataz recostado á grossa cotia que lhe servia de cacete: João Barcellos era sempre o primeiro que se apresentava no lugar do serviço e o ultimo que se retirava.

O moço gasto pelos prazeres, machinalmente executava o que lhe cumpria, porque a indiferença só, da extincção de seus sentimentos lhe restava, e o tedio que o consumia como o cancro voraz do deboche.

Nenhuma das sensações que experimenta o novato no animado e lugubre espectáculo d'uma matança, elle os sentira; nenhuma das repulsas e do horror que promove a medonha carnificina n'um pantanal de sangue atolada todas as manhãs, o commovera.

O mesmo sol que dourava os louros cachos de Lulucha, enrubicia os raios na sangueira da cancha.

Mas Arthur empedernira o coração na cordilheira de orgias que a sua recordação relembra ás vezes.

Tinha tido amigos que a adversidade afugentou: evaporarão-se após a ultima ceia como as fumaças do charuto que se acaba. No calix do prazer encontrou o travo da ingratidão, e ainda na bocca o resaibo lhe amargava.

Sem dinheiro e assim sem amigos, atirou-se de caixeiro n'uma charqueada. O homem que pesava no estomago o champagne e que lhe sabia a classificação das qualidades, vio-se fazendo pesadas de graixa em boxigas; e que depois de contar o numero de amantes que tinha de cór, agora fazia embarcar chifres aos quatro na «Flor de Pelotas».

Quando Lulucha o vio, sorriu sem poder dar a causa: todo o seu ser alvoroçou-se. . . .

Porque?

Idé perguntar á abelha porque zumbe espanejando as azinhas no ar! . . .

Um dia, era de manhã; a matança estava prestes a concluir-se: uma ou outra rez moribunda de patas ao ar esperneava na cancha, debaixo da faca do carneador que lhe tirava o couro.

Arthur, abstracto no nada, olhava distrahidamente, quando com ruido abrio-se uma janella: Arthur voltou-se, e vio enquadrado nas portadas o busto gracioso de Lulucha. Com os louros cachos soltos, osculando-lhe os hombros torneados, inclinou-se sobre o peitoril como que a saudar a manhã; a tentadora cabeça do diabrete.

Avistando Arthur, fitou o moço. O mais bregeiro dos olhares, o mais petulante dos sorrisos, foi a sua unica primeira saudação.

Olhar e sorriso resvalarão sobre a crosta dura do rochedo e quebrarão se na indiferença que lhes foi inutil tumba.

Com estrondo a janella se fechou. Lulucha sumic se: Estrella da travessura a nuvem do despeito a offuscou.

Era a primeira vez que Arthur via Lulucha. Desde que estava na charqueada, foi essa a unica occasião em que ella se mostrou. Até então mal ella fizera reparo no caixeiro novo, por isso não se dignara ainda bolir com elle.

Começava agora.

Arthur vio n'ella uma criança linda e bregeira que ria-se para elle logo na propria occasião em que pela primeira vez o via: não lhe ligou importancia maior.

Lulucha amuada, mordeu enraivecida os beicinhos rubros, e poz-se a scismar. Um moço tivera o desaforo de regeitar um olhar, um sorriso d'ella: olhar, sorriso que desvendavão um paraíso. Não só não lhe correspondera, como lhe repellira a voluntaria caricia que ella, astro d'amor, enviara n'uma restea de sua divina graça.

E grande era a affronta, pois tomara ella a iniciativa do galanteio, em que uma boquinha muda sabe com um leve geito estampar discursos da mais arrebatadora eloquencia; em que um olhar meigo ou provocante, vai agitar as fibras do corpo sobre que se exerce, e um negligente reclinar de frente promette um mundo de enlevos.

O criminoso tornára-se digno do mais exemplar castigo: cumpria não demorar a execução.

O POEMA DO HOMEM

(FRAGMENTO)

Já des.naião do dia as aureas côres
No tôpo verde-negro das collinas,
E os astros em cardume alem se espelhão.
Na tela azul das liquidas campinas ;
A noite envolvê a terra em plumbeo manto,
E n'um molle do docel de aéreas núvens

A pallida rainha,
Cingindo a loura clamyde d'estrellas,
No vasto plaino ethereo os céos caminha
Agora, ó grande Deus, aqui dos campos
Na mesta solidão, longe, bem longe

Da turba irriquieta.
Apraz-me reflectir nas maravilhas
Do teu e do meu ser — vão sublime
Que alenta o justo, que apavora o crime !
.....

Eu vejo ali do tempo o livro eterno
Cuja ultima pagina é um abysmo
De inscrutavel mysterio ;
Uma nevoa cerrada, offuscadora,
Obumbrando da historia os oceanos.
Arremeça ao naufragio os altos feitos -
De faustosos tyrannos....

Mas n'essa noite atroz, ante os horrores
Que a razão dos mortacs tem conturbado,
A voz do ignorante e a voz do sabio
Zelarão sempre, sempre a mesma crença,
— Premio á virtude, refrigerio ao triste —
Que existe um Creador, que um Deus existe !
Salve pois, ó Senhor, almo principio,
Architector excelso das espheras,
Que humanisaste o verbo de teu sôpro

Na materia do calios,
E cujo espirito immenso, em luz immerso,
Virá do céu pairar por sobre os mundos,
No derradeiro instante do universo.
.....

A natureza é muda, é como um vasto
Kaleidoscopio de visões pasmosas
Que o homem só distingue ; esses luzeiros
Que lagrimejão fôgos de mil orbes

Nos triplicades valles do infinito,
O retumbo incessante das cascatas
 No concavo granito,
O rouco mar que manso se requesta
N'alcatifa das praias magestoso,
Nada disto, ó Senhor, tua gloria attesta!
Nem os cavos abysmos do oceano,
Nem os rubros volcões do globo em chammãs,
Nem os sóes que das trevas produziste,
Nada disto te brada : um Deus existe!
Oh ! pomposa irrisão ! loucura extrema !
E' o homem, ó Deus, é elle o mesmo
Que de tua existencia então duvida,
E a voz repelle que o chamara á vida !
Não ! não ! quer se proclame atheu ou Hume
 Só elle se contempla,

Contempla a flor que nasce a primavera,
Estuda o firmamento, explóra as nuvens,
E se humilha, e te exalta, e te venera,
 E canta a gloria tua.

Porque só elle a idéa, a intelligencia,
Espírito ou razão, alma ou linguagem,
Reflecte, ó Deus, o verbo á tua imagem!
.....

O pensamento seu é como o raio
Ferindo o espaço, afogueando as orlas
 Da cupula celeste ;
Elle perscruta em subterreas minas
 Os sordidos thesouros
Que a próvida natura em vão lhe esconde,
E governa c'o a bussola da idéa,
 Quando a gloria lhe inflamma,
Por não trilhada senda as náos equoreas
 Do Colombo e do Gama.

Soberbo Athlante os astros abatendo,
Submette a materia as leis eternas
 De Kepler e de Newton ;
Encelado adormido o collo erguendo,
Quebra do jugo alpestre a rude massa,
É rapido *wagon*, troando aos ventos,
Do Ceniz duro o coração trespassa ;
Hercules vigoroso a clava empunha,
E dois mundos separa ; o Suez geme,
E o mar Vermelho ao mar Egrêo se abraça !
Aqui gravando a idéa em breves typos
De Guttemberg acs vôos na Germania,
 A imprensa suffocada

A liberdade ensina a oppressos povos
Dos reis funestos ante a face irada ;

— Alem galgando os céos, os raios doma
E a palavra diffunde electrificada,
Mais veloz do que o som crusando os ares,
De polo á polo á vastidão dos mares !
Não ! nem as solidões de altas florestas
Meneiando os cocares das palmeiras
 Ao rugido do vento,
Nem os pampas do espaço á luz nocturna
De multidões de sóes auritremes,
Nada disto é tão grande, e tão augusto
Como o Homem, ó Deus, o sabio, o justo !
Possão embora aquilonaes tormentas
Subverter na móle do oceano-
 As gerações terrenas,
Possão as quentes lavas das crateras
Do Cotopaxi ardente, ou do Arequipa,
Arremessar á face das Esphas.
As cidades da Terra em mil pedaços
 N'um diluvio de fogo,
Nada disto ó Senhor tua voz exprime,
O Homem, que te exalta, é mais sublime !...

Rio de Janeiro.

F. A. FERREIRA DA LUZ.

ISOLAMENTO

I.

A noite descerrou seu negro manto...
Reina em volta de nós silencio fundo
Silencio sepulchral roubado á campa...
Não ousa a viração passar de manso.
Por sobre a face do crystal do rio.
Nem um surdo rumor percorre os ares
Nem um vago lamento além se escuta
E' triste a natureza, — e o céu profundo
No seio da soidão adormecido
Não se adorna de luz ! Silencio é tudo !

II

Aqui, por esta noite merencoria
E' triste o meditar ; — ideias tristes
Em tropel nos affaga o pensamento
Qual doudo bando de gentis gaiivotas
O collo mergulhando em torvo rio,
Não se aqueda sequer a phantasia
N'uma fraca illusão, n'um sonho d'alma,
N'uma seiva de amor que alenta a vida
E á memoria nos traga amenos dias.
De um passado feliz envolto em trevas ! ..
E' tudo escuridão, cerradas sombras
Como as sombras fataes que a campa encerra.

III

E' em vão, sempre em vão, se agora invoco
Tua imagem mulher, teu riso angelico
Em labio virginal desabrochado
Qual purpurio botão ao sol nascente !
Dorido o coração transborda em pranto,
Que é grato ao coração chorar no ermo.
Onde a alma mais livre se abandona
Aos tristes pensamentos que a magoão !

IV

Oh ! triste solidão, traze me ao menos
Entre as sombras cruéis que a noite espalha,
Entre o vago tremor que esta alma agita,
A imagem da mulher que eu tanto adoro !
Oh ! ridente trazei-m'a ao pensamento,
Quero aqui no silencio abandonado
Um mundo de illusões crear com ella,
Embora a noite no cerrar das azas
Colha esses sonhos, que ligeiros passem
Quaes leves sombras sem deixar vestigios !

SILVINO VIDAL

Porto Alegre, Novembro de 1874.

MINHA ALMA

Minh'alma sempre casta como os anjos,
Suave e melindrosa como as flores,
Jámais beijou-te a face purpurina,
Nem sonhou nunca t'estreitar ao seio!
Ama a pureza de teu rosto, as linhas
Puras, correctas de teu talhe airoso,
As negras tranças descalhindo em ondas
Pelas espaduas de alabastro, os cilios
Que os teus olhares scismadores velão!
Ama essa rosa que aos cabellos prendes
Branca, mais branca do que um véo de noiva!
Porém sabes, meu anjo, o que minh'alma
Não ama tão sómente, mas adóra
Em ti que és tão formosa? Escuta, escuta:
Minh'alma sempre casta como os anjos,
Suave e melindrosa como as flores,
Louca, louca de amor, adóra em ancias
Esse teu coração puro, sensível,
Ora choroso por me ver auzente,
Ora amante fiel pulsando o seio
Quando nossos olhares se confundem...
Adóra a alma sensitiva e doce
Que em ti se abriga como incenso puro
Em vaso divinal...

Linda creança,
Que me fascinas, me arrebatas sempre
Aos castos mundos de um porvir de rosas,
Não t'esqueças de mim quando n'auzencia!
Quando o destino te levar ao longe!

Novembro de 1874.

DAMASCENO VIEIRA.

O PASSEIO

Vi-te formosa infante, hontem no bosque
Sentada á sombra do florido ipê ;
 Colhias da bromelia
Espinhoso pendão, c'roado e rubro,
 E estava tão corada
Qual é da *pitangueira* o doce fructo.

Não me fiz esperar, corri te vendo,
Deixando preso ao *camboim* flexivel,
 O meu corsel soberbo,
O emigrado veloz, meu *baio* altivo,
 Creoulo d'estes *pagos*,
Tão guapo na *carreira* ou na *guerrilha* !

E desprendendo o *poncho* que trazia
Trançado á tira-collo, e a mais formosa
 Guaicaca que bordaste,
Depositei-te aos pés, como rainha
 Que eras do meu peito,
E ali curvado extasiei-me em ver-te.

Nunca tiveste os olhos mais brilhantes
Nem mais melifluas, seductoras fallas !
 Brincava a fresca aragem
Por entre as folhas sussurrando leves
 Mil passaros cantavão
Mas tu vencias quanto encanto havia.

Convidei-te a colher os brancos lirios
E as parasitas, jarras caprichosas
 De formosos bouquets,
E as roseas flores das paineiras verdes
 E os myrthos odorosos
De brancas pétalas como véos de noiva.

E tu foste comigo na floresta,
Correste como o *cervo*, e ali cantaste
Qual terno pintasilgo.
Eras um verde colibri no espaço
Sugando o nectar doce,
Eras a *nympha* d'essa estancia calma.

Ashoras que passamos forão breves,
Nem eu nem tu sentimos a fadiga
Do soidoso passeio ;
Tu vieste de flores coroadas,
Eu colhi um espinho
Que me punge no peito entre saudades.

Quando o tempo vier dos fructos doces,
Do amarello *araçá*, rubra *pitanga*,
Da abundante cereja,
Do aroxado *tucum*, da *gabioba*,
Convida-me, Corinna,
Vams ao campo a passear nos mattos.

S. Leopold, 4 de Outubro de 1833.

DR. CALDRE E FIÃO

CHRONICA

O mez de Dezembro foi abundante de festas.

Alem dos festejos do natal e dos Reis, no arraial do Menino Deus, tivemos espectaculos, bailes e cavallinhos.

A capital esteve em maré de divertimentos, não obstante o excessivo calor que reinou.

E por estes motivos o Parthenon deixou de dar a sua partida mensal.

* * *

Principiamos a publicar n'este numero a biographia do general José Fernandes dos Santos Pereira, escripta pelo Dr. Augusto Fausto de Freitas, moço de talento e de não vulgar illustração.

Aos nossos leitores recommendamos pois o trabalho do nosso talentoso collaborador.

* * *

A redacção da *Nação*, da *côrte*, e da *Regeneração*, de Santa Catharina agradecemos as palavras lisongeiras que lhes inspirarão a recepção da nossa *Revista*.

* * *

Registramos n'esta *Revista* uma poesia de Francisco Antunes da Luz, que tem por titulo — O Poema do Homem.

E' um trabalho de merito; basta firmal-o o nosso festejado e sympathico comprovinciano.